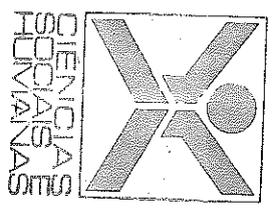


**PAUL LAZARSFELD.** Nascido em 1901. Sociólogo e professor de Sociologia na Universidade de Columbia de 1940 a 1967 e nas Universidades de Oslo e de Paris. Director do Departamento de Investigação Social Aplicada da Universidade de Columbia. Membro da Associação Americana de Estatística, da Associação Americana para a Investigação de Opinião Pública, da Associação Americana de Psicologia e da Academia de Letras e Ciências. Da sua bibliografia, dedicada ao estudo dos problemas da investigação em sociologia, salientamos os seguintes títulos:

*Radio and the Printed Page;*  
*The People's Choice;*  
*Mathematical Research in the Social Sciences;*  
*The Language of Social Research;*  
*Organizing Educational Research.*



A sociologia

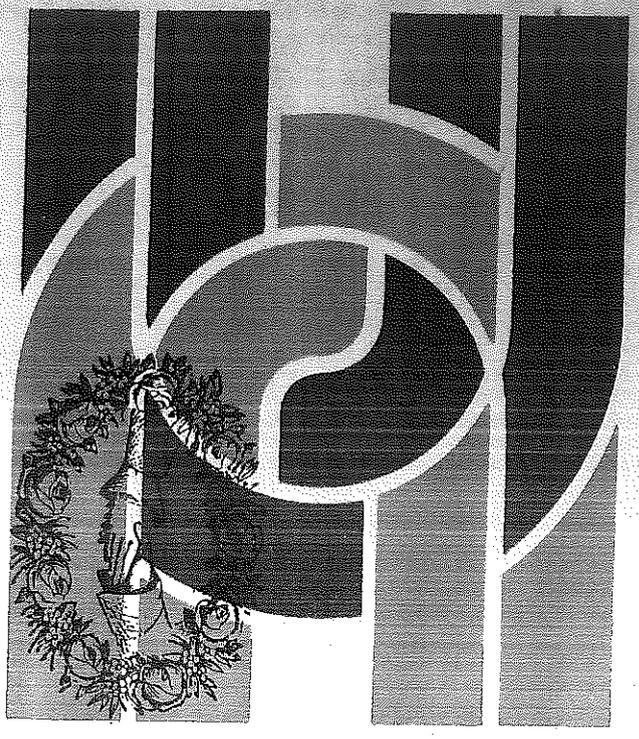
A sociologia

Paul Lazarsfeld

Paul Lazarsfeld

2

Livraria Bertrand



Título da edição francesa: TENDANCES PRINCIPALES  
DE LA RECHERCHE DANS LES SCIENCES SOCIALES  
ET HUMAINES \* PARTIE 1: SCIENCES SOCIALES  
— LA SOCIOLOGIE

Capa de JOSÉ CANDIDO

© Unesco, 1970

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em língua portuguesa pela LIVRARIA BERTRAND, s. A. R. L. — Lisboa

## Prefácio

*Considerada por muitos uma ciência vaga, de objectivos mal definidos e em mudança constante, a sociologia tem, no entanto, um modo de pensamento específico, caracterizado por uma problemática e uma metodologia divididas entre a preocupação de apreender a sociedade no seu todo e outra, mais estritamente científica, de se delimitar um domínio próprio. A este modo de pensamento, ou, mais precisamente, aos diferentes caminhos que tem tomado, consagra o autor o presente trabalho.*

*Paul Lazarsfeld começa por salientar a notável contribuição dada pelas técnicas de inquérito à sociologia e à sistematização dos conceitos por ela utilizados. A codificação destes conceitos deu origem a uma nova linguagem, a linguagem das variantes, constituída por índices agrupados em proposições, que dão conta, simultaneamente, do processus e do contexto, ou seja, das estruturas que representam para o autor «a influência exercida pelas variações de contextos aplicados a esquemas de comportamento individual», análise essa que vai reportar-se, necessariamente, à análise qualitativa, à investiga-*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand  
(Imprensa Portugal-Brasil), Rua João de Deus — Venda Nova — Amadora

Acabou de imprimir-se em Novembro de 1974

## 2. A TRADUÇÃO DOS CONCEITOS EM ÍNDICES

Uma das principais tarefas da investigação social empírica é traduzir os conceitos em índices. Por vezes, interessa-se directamente por certos índices de que tem necessidade para o estudo dum problema particular. Assim, a moeda local é um índice que impõe quando se estuda a repartição dos rendimentos. O problema torna-se mais complexo se se leva em conta o nível de vida. Tudo o que foi escrito sobre os diversos indicadores do nível de vida mostra que não é fácil traduzir esta noção em índice. Não se pode afirmar que os empregados de escritório e os operários com o mesmo rendimento têm níveis de vida diferentes sem examinar com cuidado diversas combinações a partir de toda uma série de dados mais elementares. Acontece o mesmo quando se fala de tipos mortológicos em antropologia física, ou grupos coerentes ou integrados em sociologia. A passagem dos conceitos aos índices faz-se geralmente em quatro etapas.

a) *A representação-imagem do conceito.* A reflexão e a análise que terminam num instrumento de classificação partem duma imagem ou duma representação bastante vagas. O investigador poderá distinguir em fenómenos díspares uma característica subjacente comum, e assim, tendo observado certas constantes, experimentará explicá-las. De qualquer maneira, o conceito, à nascença, é uma vaga entidade que dá um sentido às relações observadas.

Suponhamos que se quer «medir» o grau de integração de comunidades. Pode pensar-se em indivíduos que vivem em boa compreensão, que trabalham conjuntamente no embelezamento da sua cidade, que passeiam pacificamente e detestariam viver noutra lado. Os autores distinguir-se-ão uns dos outros pela precisão da sua representação-imagem. Terão também no espírito problemas diferentes. O que é que explica os diversos graus de integração? Que consequências tem isso para a vida dos cidadãos? Qualquer que seja o ponto de partida, a necessidade dum segunda etapa na construção dos índices aparecerá pouco a pouco;

b) *A especificação do conceito.* Esta etapa consiste em dividir a representação-imagem nos seus componentes. O conceito é definido pelos seus «aspectos», «dimensões», etc. Os componentes são por vezes deduzidos empíricamente das correlações observadas. O conceito corresponde a um conjunto complexo de fenómenos, mais que a um fenómeno simples directamente observável.

No caso de integração de comunidades, por exemplo, Landecker<sup>4</sup> exprimiu a seguinte ideia. As unidades elementares dos grupos sociais são as normas e os indivíduos. A integração deve partir de duas dimensões: uma dimensão *cultural*, exigindo que as normas existentes não sejam muito contraditórias, e uma dimensão *personal*, referida às relações entre indivíduos. A segunda leva a uma dimensão *comunitativa*, que necessita da troca de símbolos, e a uma dimensão *funcional*, recaindo sobre as trocas de bens e de serviços. Enfim, é indispensável que os indiví-

duos se conformem com as normas em vigor, o que põe em evidência uma dimensão *normativa* da integração. O esforço seguinte consiste em encontrar indicadores concretos para essas dimensões;

c) *A escolha dos indicadores.* O que é exactamente um indicador? O problema não é novo. William James escrevia em *The Meaning of Truth*: «Quando se afirma que um homem é prudente, quer dizer-se com isso... que ele faz seguros, que não aposta tudo no mesmo cavalo, que não mergulha de cabeça num empreendimento... O termo "prudente" é assim uma maneira de exprimir abstractamente um traço comum aos seus actos habituais.» A análise de James vai dum a imagem a um conjunto de indicadores directamente sugeridos pela experiência da vida quotidiana. De facto, não se espera que um homem prudente, antes de apostar, reparta sem-seguros contra todos os riscos possíveis; diz-se somente que ele praticará provavelmente alguns actos que não praticaria um indivíduo menos prudente. Sabemos também que os indicadores apropriados variam largamente segundo o meio social do indivíduo.

A análise dimensional facilita a investigação de indicadores para a ideia de integração.

Que conflitos de normas (ama o teu próximo, mas realiza um lucro tão elevado quanto possível) se produzem na literatura e nos julgamentos dos tribunais? Em que medida os indivíduos comunicam entre si e qual é a importância dos preconceitos entre os grupos? Em que medida a vida quotidiana de cada

um depende dos outros e com que frequência e facilidade o funcionamento de tal ou tal serviço é interrompido? Qual é a taxa de criminalidade e com que generosidade as pessoas contribuem para a caridade pública? <sup>5</sup>

d) *A formação de índices.* Quando foram escolhidos indicadores para cada dimensão, é preciso fazer a síntese deles, porque não podem tratar-se todas essas dimensões e todos esses indicadores separadamente.

Em certos casos, o analista constrói um índice geral. Se um professor tem seis alunos e apenas dispõe de uma bolsa de estudos para oferecer, deve fazer uma avaliação global dos seis alunos. Há outros casos em que o analista pode interessar-se mais na questão de saber como cada uma de várias dimensões se liga a um índice exterior.

A qualidade das cidades deu lugar a numerosos índices, uns unidimensionais, outros multidimensionais e outros ainda que só correspondem a uma dimensão determinada. Pode em geral decidir-se, no final, do valor dum tal índice antes de o ter utilizado durante um tempo bastante longo; tudo depende do valor das proposições às quais permite chegar e da maneira como estas se combinam, por sua vez, para formar sistemas mais vastos. Ouve-se muitas vezes dizer que um certo índice não revela «realmente» os conceitos que lhe queriam fazer traduzir. É-se assim levado, em muitos casos, a encarar dimensões mais plausíveis ou outros indicadores, mas não é possível decidir em absoluto. <sup>6</sup>

O presente resumo dá evidentemente uma visão muito esquemática das operações efectuadas e deixa na sombra numerosos problemas, mas basta pôr em foco os principais pontos que nos interessam aqui. Este resumo evoca as seguintes observações: as operações em questão aplicam-se aos indivíduos tanto como aos grupos e aos objectos inanimados e é necessário imaginar sistemas de classificação em que se possa ordenar um dado objecto concreto; estas classificações são sempre intencionais ou latentes e é preciso combinar vários indicadores para atribuir a um dado objecto o lugar que lhe pertence; a relação entre as observações manifestas e a classificação intencional tem um carácter de probabilidade.

A primeira operação do que chamei análise de Inquéritos é a construção de índices. Estes últimos constituem os dados donde se procura extrair conclusões de fundo. A importância deste género de trabalho para a sociologia geral resulta de que ele obriga a uma certa clareza e a uma certa precisão que seria impossível atingir doutro modo. O meio social é visto aí, por assim dizer, como composto dum conjunto de objectos tendo características definíveis. Os factos aparecem como correlações entre índices sucessivos. A expressão que convém a esta representação é a de «linguagem indiciária» e, embora pareça estranho, é indispensável à nossa demonstração.

### 3. LINGUAGEM INDICIÁRIA

As conclusões da investigação social empírica têm um ponto importante em comum com a linguagem ordinária. Do mesmo modo como distinguimos as palavras e as frases, temos os índices agrupados em proposições. Todas as proposições agrupam necessariamente os índices nos quadros de várias entradas, quadros que podem ser muito complexos se os índices são numerosos. Mesmo se temos de trabalhar apenas com três índices, pode obter-se uma grande diversidade recorrendo a *quadros contingentes*, como por exemplo na frase seguinte: nas camadas superiores da população é provável que os homens e as mulheres votem na mesma proporção; nas camadas inferiores, os homens são mais numerosos a votar que as mulheres. Esta afirmação funda-se evidentemente sobre a constituição dum amostra de indivíduos escolhidos em função da sua situação social e sobre o estabelecimento ulterior de quadros de entradas múltiplas para cada subconjunto e para a percentagem dos votantes.

Podia pensar-se que uma tal «linguagem indiciária» acaba por se tornar monótona, mas não é nada assim, porque os próprios índices são de natureza muito diferente. Podem caracterizar grupos ou indivíduos, corresponder a momentos diferentes, ter relação com o comportamento, bem como com relatórios de experiências «interiores», etc. Associando o formalismo do quadro de entradas múltiplas a uma classificação apropriada dos tipos de índices, chega-se a uma tipologia de proposições em lingua-